

Da “gripezinha” ao genocídio: deslizamentos e inversões de sentidos na pandemia de Covid-19

From “little flu” to genocide: meaning displacements and inversions during the Covid-19 pandemic

Tiago Lessas José de Almeida¹
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
tiago.josealmeida@ufpe.br

Maria Paula Marques de Lima²
Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE
paulinha_lima020@hotmail.com

RESUMO: À luz da Análise do Discurso, este artigo analisa os efeitos de sentido do termo “gripezinha” enquanto índice catalisador do processo parafrástico de formações discursivas (ORLANDI, 1999) no contexto histórico da pandemia de Covid-19 no Brasil. A hipótese central se refere ao fato de que o movimento de deslocamento e inversão de sentidos (PÊCHEUX, 1990) tenha na sua base as lutas de classes como motor central. Com estratégia de política de austeridade neoliberal, o governo de Jair M. Bolsonaro minimiza os efeitos do novo coronavírus por fazer uso do termo “gripezinha”. No entanto, notamos inversões na dinâmica representacional da pandemia à medida que a política praticada pelo presidente provoca lastros de mortes e ataques à classe trabalhadora. Os resultados da pesquisa apontam para uma reflexão crítica que compreende que o discurso se constitui numa trama de formações imaginárias costuradas nas torções dinâmicas de sentido das Formações Discursivas (PÊCHEUX, 2014).

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19; Discurso; Polissemia; Paráfrase.

ABSTRACT: From the Covid-19 pandemic situation in Brazil, this paper analyzes the meaning effects attached to the term “little flu” as a catalytic index of the paraphrasing in the discursive formations (ORLANDI, 1999). The central hypothesis refers to the fact that the movement of meaning displacement and inversion (PÊCHEUX, 1990) is based on class struggles, since it is considered as a central engine to the process. In order to foster a neoliberal austerity policy strategy, the government of Jair M. Bolsonaro minimizes the effects of the new coronavirus by using the term “little flu”. However, we notice that the representational dynamics of the pandemic is inverted as the policy practiced by the president provokes deaths and attacks on the working class. The research points out that discourse constitutes a web of imaginary formations where meanings are stitched into the dynamic twists of Discursive Formations (PÊCHEUX, 2014).

Keywords: Covid-19 pandemic; Discourse; Polysemy; Paraphrase.

¹ Doutorando pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor substituto da UFPE.

² Especialista em Linguística Aplicada pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE).

Introdução

No dia 26 de junho de 2021, o depoimento dos irmãos Miranda³ - Luis Miranda, deputado federal (MDB-DF) e Luis Ricardo Miranda, servidor público lotado no Ministério da Saúde - à Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (CPI-PANDEMIA) abriu uma linha de investigação que escancarou o posicionamento potencialmente corrupto e temerário em relação às políticas de vacinação do Palácio do Planalto em vista de possíveis vantagens financeiras. Segundo Luiz Miranda, o líder de governo do presidente Bolsonaro na Câmara dos Deputados, Ricardo Barros (PP-PR), teria supostamente orquestrado a compra de imunizantes contra o novo coronavírus, ou Sars-Cov-2 (Covid-19), pela farmacéutica *Bharat Biotech*, da Índia, num esquema de compra superfaturada intermediado por uma empresa terceirizada, a *Precisa Medicamentos*⁴. O fato também deixou em aberto o indício de crime de prevaricação por parte do presidente, visto ter sido este avisado pelo próprio deputado Miranda e, logo em seguida, nada ter feito a respeito do assunto.

Esse evento é fundamental para a discussão proposta neste artigo. Quando os primeiros casos de contágio e mortes pelo vírus da Covid-19 foram registrados no Brasil, o presidente Bolsonaro afirmou categoricamente num pronunciamento em rede nacional - divulgado no dia 24 de março de 2020⁵ - que tudo não passava de uma “gripezinha”, que pessoas saudáveis não teriam grandes complicações e que deveriam seguir com a normalidade da rotina de trabalho. A questão, entretanto, se mostrou mais grave: depois de quase um ano desse pronunciamento do presidente, no primeiro semestre de 2021 estávamos entre os três primeiros países com maior número de casos e mortes diárias por Covid-19 do mundo, uma doença que, apesar de nova, já tinha vacina aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) desde o ano anterior (AGUIAR, 2020).

Com isso, o presente estudo levanta alguns questionamentos: O que caracteriza discursivamente a tentativa de minimização da narrativa pandêmica por parte de alguns atores

³ *CPI da Pandemia ouve irmãos Miranda sobre compra da Covaxin - 25/06/21*. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2021/06/ao-vivo-senadores-falam-sobre-os-trabalhos-da-comissa>>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

⁴ As denúncias em relação à participação da empresa *Precisa Medicamentos* envolvem erros ortográficos e jurídicos suspeitos presentes em mais de uma *Invoice* enviada ao Ministério da Saúde (MS) pela referida empresa. Ao perceber tais problemas, os quais envolveriam superfaturamento no pagamento de lotes de vacinas e pagamento antecipado pelo MS, Luiz Miranda teria se dirigido ao presidente Jair Messias Bolsonaro para alertar os supostos esquemas de corrupção (NOTAS, 2021).

⁵ Todos os pronunciamentos oficiais do presidente da República estão disponíveis no canal oficial do Palácio do Planalto no *Youtube* (Disponível em: <https://www.youtube.com/user/PalaciodoPlanalto/featured>. Acesso em: 10 jul. 2021).

políticos e sociais, mesmo face aos eventos de agravamento e recrudescimento da doença? Quais os fatores ideológicos que movimentam/invertem os sentidos acerca da doença na construção discursivo-ideológica dos enunciados de alguns sujeitos do cenário político e social no Brasil? Essas perguntas orientam a pesquisa apresentada neste artigo, a qual tem na sua base teórica os pressupostos da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2014) especialmente no que tange ao processo de deslizamento e inversão de sentidos (PÊCHEUX, 1990). Entendemos que tais categorias teóricas nos permitem acessar o plano discursivo político, palco da disputa de sentidos analisadas nos termos desta pesquisa.

Para procedermos com a análise das Sequências Discursivas (doravante SDs) que compõem os dados coletados, ressaltamos que o critério de seleção tem por base a relação interdiscursiva dos enunciados (ORLANDI, 1999). Os enunciados recolhidos ao longo do período que compreende os anos de 2020-2021, de alguma forma mantêm uma relação interdiscursiva entre si, com retomadas parafrásticas, estabelecendo elos referenciais para suas Formações Discursivas (FDs) (ORLANDI, 1999).

Era uma vez um vírus...

No segundo semestre do ano de 2019, um surto de doença respiratória aguda causada pelo SARS-CoV-2, atingiu a cidade de Wuhan, na China, tornando a região o primeiro epicentro do que viria a ser conhecida como uma das maiores epidemias globais de síndrome respiratória desde a gripe espanhola. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS)⁶ fez uma declaração oficial na qual categoriza o surto de Covid-19 como uma pandemia com proporções letais graves. Diante desse cenário, diversos órgãos governamentais do mundo passaram a tomar medidas sanitárias profiláticas como uso de máscara, distanciamento físico e, em algumas regiões, quarentena. No Brasil, através da Portaria nº 356, de 11 de março de 2020, o Ministério da Saúde (MS) (BRASIL, 2020), estabeleceu algumas medidas oficiais para o enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do novo coronavírus⁷.

A pandemia de Covid-19 demonstrou que tempo e conhecimento estão em íntima relação. Quanto mais a pandemia atingia níveis elevados de infecção e mais dados eram gerados

⁶ Mais informações estão disponíveis no site da própria OMS (LISTINGS OF WHO'S RESPONSE TO COVID-19, 2020).

⁷ Entre algumas das ações orientadas pela Portaria estão: medida de isolamento por prescrição médica, quarentena pelo prazo de até 40 (quarenta) dias, com possibilidade de extensão, etc.

a partir da testagem de medicamentos, tanto mais se conhecia sobre o patógeno e suas possíveis consequências. A perspectiva histórica é fundamental para a compreensão dos eventos. Negar a si mesmo o direito de contradição e mudança de opinião frente aos dados científicos é equivalente a permanecer no obscurantismo voluntário. No caso dos líderes e entidades políticas, assumir um posicionamento de não combate a uma doença com essa escala de infecção, além de temerário, é um posicionamento deliberadamente projetado.

Em 31 de janeiro de 2020, o médico e apresentador Drauzio Varella postou um vídeo no seu canal oficial no *Youtube*⁸ sobre os possíveis riscos da pandemia. No vídeo, Varella se baseia em informações divulgadas pelas autoridades chinesas, as quais pareciam indicar que o SARS-CoV-2 teria um baixo grau de letalidade e, diante dos números de casos até então, não parecia apresentar riscos mais graves às pessoas mais jovens. Em determinado trecho do vídeo, o médico afirma: “[...] primeiro porque esse vírus não tem esse potencial. De cada 100 pessoas que pegam vírus, 80, 90 pessoas têm um *resfriadinho* de nada. Na epidemia chinesa, abaixo de 10 anos nenhuma criança morreu, nenhuma. [...]” (grifo nosso)⁹.

O vídeo em questão foi posteriormente retirado do ar, sendo este o motivo de não termos um *link* de acesso ao material no canal oficial do médico como referência. Em 22 de março do mesmo ano, segundo a agência Aos Fatos (NALON, 2020), os perfis oficiais do então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e do senador federal Flávio Bolsonaro (PL-RJ) publicaram trechos do referido vídeo para confirmar o discurso a favor da reabertura do comércio nos principais municípios do país e fim do período de isolamento/quarentena¹⁰, sem esclarecer detalhes quanto à data da publicação, nem o contexto enunciativo, gerando assim, dúvidas em relação ao posicionamento mais recente médico. Nesse sentido, é importante perceber que, uma vez que o médico é uma autoridade sanitária que tem domínio científico-discursivo, a utilização desse vídeo serviu ao objetivo de validar o posicionamento do grupo que compartilhava a tese do governo acerca das medidas de enfrentamento à pandemia.

Em meados de dezembro de 2019, quando esse vídeo foi publicado pelo médico, antes da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar Emergência em Saúde Pública de Interesse Internacional devido ao novo coronavírus (Covid-19), a classe médica brasileira já tinha acesso

⁸ Drauzio Varella - Canal oficial no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/drdrdrauziovarella>. Acesso em: 23 jul. 2021.

⁹ Com a palavra, o renomado e de índole comprovada, Dr. Drauzio Varella em 30/01/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Z8w0HUJhAc>. Acesso em: 10 ago. 2020.

¹⁰ O período de isolamento e quarentena como de enfrentamento à pandemia e controle da transmissão comunitária foram orientações oficiais publicadas em portaria pelo Ministério da Saúde em 11 de março de 2020 (BRASIL, 2020).

à informações sobre a doença, mas não era possível prever o nível de contaminação global ainda¹¹. É nesse contexto que, em janeiro de 2020, o Dr. Drauzio Varella faz o vídeo no qual se refere ao coronavírus como um resfriado.

Com a mudança de cenário em 11 de março¹², quando a OMS caracteriza a situação da Covid-19 como pandemia mundial, o Governo Federal Brasileiro, junto ao Ministério da Saúde, passou a adotar importantes medidas, tais como: articular a ampliação da capacidade de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e orientar as autoridades a impor o isolamento e a quarentena como ações estratégicas para impedir a propagação do vírus. Essas ações foram fundamentais para a percepção da seriedade da doença. O próprio Drauzio Varella apagaria o referido vídeo algum tempo depois, o que mostra que ele próprio teve que repensar algumas questões no que tange às suas opiniões anteriores. Nesse sentido, ao enunciado inicial de Varella e às informações que estavam disponíveis à época da publicação do referido vídeo, subjazem a seguinte proposição:

1. Covid-19 é uma gripezinha que pode afetar os mais frágeis, logo não é necessário pânico.

No entanto, o presidente Jair Messias Bolsonaro (PL) parecia ir na contramão do seu próprio Ministro da Saúde. Era evidente pelas atitudes (incentivo à aglomeração e não uso de máscara de proteção) que o propósito central do Governo Federal destoava do seu próprio Ministério da Saúde. O então Diretor da Assessoria de Comunicação Social do MS, Ugo Braga, comenta: “A política de saúde, que até então defendia publicamente o direito da população à vida acima de tudo, tornava-se, de uma hora para outra, mera subscrição àquela proposta inteira e absolutamente concentrada na atividade econômica” (BRAGA, 2020, p. 57).

Esse cenário proporcionou a dispersão de discursos contraditórios e posicionamentos divergentes sobre tudo que envolve a pandemia Covid-19, desde os padrões de sintomas aos possíveis tratamentos protocolados por especialistas na área. Apesar de vários países terem adotado o distanciamento social e a quarentena como medidas preventivas para enfrentamento da doença, não se pode negar que tais ações têm impactos significativos na economia, uma vez

¹¹ Contágio rápido e silencioso: a matemática do coronavírus (Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/contagio-rapido-e-silencioso-matematica-do-coronavirus/>. Acesso em: 11 set. 2021).

¹² O discurso do diretor geral da OMS, no qual se caracteriza como o surto de Covid-19 como uma pandemia, está disponível no site da organização (WHO DIRECTOR-GENERAL’S..., 2020).

que diversos setores do comércio e serviço são obrigados a parar. Neste respeito, o Presidente Bolsonaro (PL) se mostrou especialmente relutante em relação à política de enfrentamento à pandemia desde o início, chegando a minimizar o poder de contaminação da doença e incentivando a população a retomar as atividades o mais rápido possível (BOLSONARO FAZ..., 2020).

Em 24 de março de 2020, durante um de seus pronunciamentos oficiais¹³, o presidente voltou a afirmar que o novo coronavírus seria mais arriscado apenas às pessoas do grupo de risco e idosos, e ironiza os efeitos colaterais caracterizando a doença como uma “gripezinha”. É evidente que essa era uma estratégia retórica, que inserida no contexto da pandemia e em referência ao posicionamento adotado por Bolsonaro desde o início do problema no Brasil, destaca-se como fator discursivo-enunciativo de articulação política para sabotagem das medidas tomadas pelo Ministério da Saúde, então liderado pelo ex-deputado federal Luiz Henrique Mandetta (MDB-MS).

É importante destacar que os termos “gripezinha” e “resfriadinho”, apesar de terem como base semântica unidades de sentidos relativamente distintas, são tomados metaforicamente como equivalentes no curso no discurso do presidente a partir do “efeito da determinação do interdiscurso” (ORLANDI, 1990, p. 46). Tal determinação se apresenta como condicionante argumentativa para uma Formação Discursiva (doravante FD) reacionária e neoliberal, identificada aqui como bolsonarista-negacionista¹⁴.

Em contrapartida, temos a presença de outra FD que parece ir ganhando mais espaço na produção de sentidos em relação à pandemia, a qual tem como eixo ideológico a noção de “genocídio”. A FD em questão pode ser caracterizada como de oposição/anti-bolsonaro, sendo esta concebida nas formações ideológicas dos grupos de esquerdas e partidos de oposição ao governo.

O lugar discursivo que cada enunciado ocupa estabelece as relações de sentidos por este produzidas, de forma que as duas FDs identificadas vão sendo construídas nesse contexto sócio-histórico, sob as condições de produção concomitantes ao período de altas taxas de contágios e mortes no Brasil. O cenário político de instabilidade democrática, com repetidas ameaças

¹³ Todos os pronunciamentos oficiais do presidente da República estão disponíveis no canal oficial do Palácio do Planalto no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/PalaciодоPlanalto/featured>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

¹⁴ Aqui, o termo negacionista é inserido como uma tentativa de legitimação do discurso de oposição ao governo Bolsonaro que o acusa de negar os fatos científico-empíricos relativos à pandemia do novo coronavírus. Evidentemente, neste artigo procuramos entender as bases da sua formação discursiva e supomos que há sempre uma escolha entre o que o aceitar e rejeitar, sendo essa uma atitude discursiva intencional e estratégica do ponto de vista político. No entanto, o termo serve bem tanto à crítica dessa FD, como à sua caracterização.

golpistas de Bolsonaro¹⁵, constituem-se como elementos fundamentais para uma análise materialista dos enunciados. Dessa forma, esse artigo tem como objeto compreender como as noções “gripezinha” / “resfriadinho” sofrem movimentos de significação, por hora, deslizando-se no plano discursivo, e posteriormente, sofrendo inversões de sentido.

Esse processo de estabilização, desestabilização de sentidos representa o que Orlandi (1990) chama de “limites moventes e tensos entre a paráfrase e a polissemia” (p.52). Evidentemente, qualquer proposta de análise dentro desse plano limítrofe requer recortes injustos quanto à escolha de enunciados. Nossa tentativa de identificação desses aspectos realça o caráter pontual dos dados apresentados, de forma que a abstração imposta à análise representa um esforço de recorte na trama sócio-histórica dos eventos discursivos, que compreende meados de 2020 a meados de 2021.

Para tanto, analisamos quatro SDs que mantêm algum tipo de referência parafrástica entre si, nas quais os noções acima referidas são operadas: (1) vídeo intitulado *Quem minimiza a situação do coronavírus é um irresponsável | Coronavírus #8*¹⁶, publicado pelo médico Dráuzio Varella no seu canal oficial no *Youtube* no dia 23 de março de 2020 em resposta às postagens nas rede associados ao governo de Bolsonaro; (2) pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro (PL) exibido nacionalmente no dia 24 de março de 2020 e disponível no canal do Palácio do Planalto no *Youtube*¹⁷; e (3) a sessão do dia 8 de julho de 2021 da CPI-PANDEMIA, onde o senador federal Omar Aziz (PSD-AM) critica as declarações do Presidente Bolsonaro (PL) em relação à CPI e ao próprio senador¹⁸.

Essa escolha metodológica nos permite identificar como o processo parafrástico de deslocamento do termo *gripezinha / resfriadinho* se contorse em direção à noção da palavra *genocídio*, provocando uma inversão na encruzilhada das FDs em disputa. Além disso, esse processo sócio-histórico, amparado no plano discursivo das Formações Ideológicas (doravante FIs), se inscreve num processo de resistência política e ampliação do espaço de sentidos em denúncias às práticas do governo Bolsonaro, o que evidencia como a força motriz desse

¹⁵ Desde o mês de março de 2020, o presidente Bolsonaro tem feito declarações de ruptura institucional, chegando, por vezes, a ameaçar invadir o Superior Tribunal Federal (STF) e participando de manifestações pró-governo que tinham na pauta o fechamento do Tribunal e intervenção militar (GUGLIANO, 2020).

¹⁶ *Quem minimiza a situação do coronavírus é um irresponsável | Coronavírus #8*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R20MG63Ju3M>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

¹⁷ *Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE&t=157s>. Acesso em: 08 ago. 2020.

¹⁸ *Omar Aziz, presidente da CPI da Covid, manda recado a Bolsonaro: “Eu lhe acuso”*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8-RbXgCWSAw>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

movimento só pode ser explicada através da luta de classes (MARX; ENGELS, 2010; PÊCHEUX, 2013).

Repetições, retomadas e efeitos de sentidos

Segundo Pêcheux (1990), os conceitos e seus efeitos de sentidos parecem estar amarrados “à figura da interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1990 p. 16). Ou seja, os usos linguageiros se dão num processo de repetição inerente à construção discursiva, que ao passarem do esquecimento 2 (esquecimento discursivo) para o esquecimento 1 (esquecimento ideológico) nos dão ilusão de sermos donos do discurso. Nosso fio discursivo se constitui também na ordem ideológica no qual nos inserimos, de forma que os efeitos de sentidos estão colados às FIs que atravessam nossos discursos. Nossas palavras não são nossas, pois somos constantemente interpelados ideologicamente em sujeito (PÊCHEUX, 2014), de forma que o dizer é um ato de dupla realização: ao mesmo tempo em que é novo, se constitui num já-dito (ORLANDI, 1999).

Orlandi (1999) explica que os sentidos são produzidos como que dentro de uma rede discursiva, onde cada movimento em qualquer ponto desta pode provocar alteração no todo do tecido. No espaço discursivo da linguagem é a mesma coisa. Usamos as mesmas palavras, mas sob modos e condições diferentes, e tais modos ou condições provocam efeitos de sentido distintos dentro do espaço sócio-discursivo. Tal movimento entre “o já-dito e o a se dizer” (ORLANDI, 1999, p. 34) produz movimentos de sentidos na rede do discurso. Em essência, o que se coloca é o conceito dialético de movimentos dos sentidos, de forma que é na prática enunciativa que se produz repetições / retomadas para torções de sentido.

No que se refere ao discurso político-estratégico, esse movimento dos sentidos é também perfurado pelas falhas, pelas contradições das enunciações. São as formas imaginárias do real e do invisível que para Pêcheux (1990) se inscrevem na língua, onde ao real compete entrar em relação com o invisível, ou “alhures” (PÊCHEUX, 1990, p. 8), o que ainda não veio. Podemos admitir que os conceitos são formas linguísticas inscritas no real do discurso que está em constante movimento de transformação em direção ao invisível, ao que ainda não é. São formas parafrásticas que conferem ao discurso uma certa regularidade na expectativa de interpretação, mas que aponta, a partir das falhas, para outros sentidos.

Os “processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer sedimentado.” (ORLANDI, 1999, p. 34). Nesse sentido, a “paráfrase está para a estabilização” (ORLANDI, 1999, p. 34). Ou seja, o movimento parafrástico colabora com a interpretação e produção de sentidos no momento em que provoca o reconhecimento do já-dito.

Tal movimento do real no linguístico não se perpetuaria sem a possibilidade de interpretação múltiplas. Segundo Pêcheux (1990, p. 8), é “o jogo variável das formas que permutam o presente com o passado e o futuro”. As formas (conceitos, ideias), para o autor se constituem na interseccionalidade entre o dito e o não-dito, de forma que essa possibilidade de sentidos é o que marca os “deslocamentos e disfarces” polissêmicos. Por isso, Orlandi (1999) afirma que é a “polissemia” que provoca “deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Assim, é importante perceber que o discurso tem pelo menos essas duas camadas de produção de sentido. Uma remete à repetição, ou melhor, à nossa incapacidade de inventar palavras e formas linguísticas o tempo inteiro em todos os enunciados. A outra camada, a da polissemia, expressa nossa capacidade de criatividade dos usos, de efeitos de sentidos, porque estamos sob condições de produção novas e sob formações discursivas em situações históricas diversas.

Pêcheux (2013) nos alerta, entretanto, para os fatores promotores desse movimento de deslizamento de sentido. Segundo o autor, toda interpelação em sujeito é uma interpelação ideológica. Portanto, todo dizer parafrástico carrega em si “um ritual” (PÊCHEUX, 2013, p. 15) ideológico que se constitui na contradição da identificação, contraidentificação e/ou desidentificação dos sujeitos a partir de suas formas-sujeito. Desse modo, é a partir da luta entre as ideologias dominantes e as ideologias dominadas que os sujeitos constituem suas FDs, o que marca sua posição como sujeito circunscrito, ou até mesmo descolado, das FIs das classes dominantes.

Esses conceitos ajudam a compreender como a pandemia se torna vetor de efeitos de sentidos à medida que atinge o Brasil cada vez com mais força em meados de 2020. O citado vídeo do Dr. Drauzio Varella começou novamente a circular nas redes sociais - como se fosse atual - a partir de postagens do senador Flávio Bolsonaro (PL) e do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, realizadas com o intuito de ratificarem o discurso do presidente Bolsonaro (PL) que insistia em minimizar os efeitos da doença.

Tomar o contexto histórico da pandemia de Covid-19 materializa no plano discursivo o movimento de deslizamento e inversão de sentidos produzidos pelo motor da luta de classes (PÊCHEUX, 2013). A luta de classes deve ser compreendida como o gatilho motivador da produção de sentidos e do processo de torção discursiva dentro das FDs, pois sem o embate ideológico entre as FIs dominantes e dominadas os sentidos seriam estagnados. É a luta de classes, na sua concepção contraditória, que produz na paráfrase, as torções polissêmicas. Compreender os enunciados a partir da perspectiva da luta de classes, constitui a base teórico-científica da Análise do Discurso, pois não “há outra saída a não ser a luta das classes dominadas contra essa dominação” (PÊCHEUX, 2013, p. 14). Assim, concordamos inteiramente com Pêcheux (2013, p. 14), para quem a luta de classes não “é outra coisa senão a própria história dessas classes”, sendo esta ao mesmo tempo palco e roteiro da construção histórica das FDs em processos de identificação contraditória.

Na materialidade desse processo, o termo “gripezinha” se desloca na trama do discurso. As formações ideológicas estabelecem as torções de sentidos que as noções assumem. É o “efeito de deslocamento” proposto por Pêcheux (1990, p. 19), como se os enunciados com sujeitos apagassem os próprios sujeitos e se amarrassem às formações discursivas “sem locutor”.

Esse movimento nos sentidos pode ser notado a partir da SD-1. Esta se refere a um vídeo publicado pelo Dr. Drauzio Varella em 23 de março de 2020 no seu próprio canal do Youtube. Nesse vídeo, Varella procura explicar seu posicionamento em relação à questão do coronavírus. Esta SD é importante para compreender a mudança de posição discursiva assumida pelo médico, especialmente quando levamos em consideração o fato de seu vídeo publicado no final do ano de 2019 estar sendo utilizado maliciosamente pelas redes sociais bolsonaristas.

SD-1 - Quem minimiza a situação do coronavírus é um irresponsável

“[...] *Aquelas pessoas*, que no dia de hoje, ainda dizem que não passa de uma gripezinha... Isso é uma alienação total, não é? em relação a tudo que tá acontecendo no mundo... *Muita gente* tem perdido a vida, em geral pessoas mais velhas, adoecidas, mas gente mais jovem com outros problemas de saúde. Uma gripezinha não mata as pessoas quando... como esse vírus tem tem matado em todos os países do mundo [...] [sic.]” (grifos nossos).

Observa-se um esforço de distanciamento discursivo de Varella em relação aos discursos atribuídos a ele. Notamos que o uso do pronome “Aquelas” parece estabelecer um efeito de dupla construção subjetiva: (1) o eu que falou já não sou mais eu e (2) quem ainda faz uso da minha fala que não me pertence mais está usando de má fé. O fato de seu vídeo inicial

ter sido deletado da sua conta no *Youtube* reforça uma interdição ao seu próprio discurso. Mas o processo parafrástico sofre uma torção ao mesmo tempo em que o apagamento cria uma outra projeção imaginária sobre o sujeito do próprio discurso.

O termo gripezinha ganha um outro sentido nesse enunciado. A retomada discursiva se viabiliza pela relação polissêmica marcada pela locução “Muita gente”. Agora o vírus é definido como mais agressivo. Os mais velhos ainda são anunciados como grupo de risco, mas não se exclui desse alvo os mais jovens. A paráfrase, nesse caso, não reforça; antes, ela combate um discurso fundado na FD bolsonarista-negacionista. Com isso, a proposição subjacente dessa SD pode ser a seguinte:

1. *Covid-19 não é uma gripezinha porque pode atingir a todos, especialmente os mais velhos. Logo, minhas ideias iniciais estavam equivocadas.*

A posição-sujeito assumida pelo médico, sob novas condições de produção específicas, produzem efeitos completamente diferentes quando comparada à posição assumida pelo presidente Bolsonaro. O uso de algumas expressões dêiticas como “no dia de hoje” e “tudo que tá acontecendo no mundo” sinalizam as condições de produção ancoradas na memória discursiva do progresso da doença e na relação polissêmica que os sujeitos assumem na sua enunciação. Ao compararmos a SD-1 com a SD-2, a seguir, notamos o efeito de deslocamento de sentidos que explora os efeitos parafrásticos e se ancoram antagonicamente.

SD-2 - Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro

“[...] O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que *fechar escolas*? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. Noventa por cento de *nós* não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os *outros*, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. *No meu caso particular*, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como *bem* disse aquele conhecido médico, daquela *conhecida* televisão [...] [sic.]” (grifos nossos).

A SD-2 é um trecho do pronunciamento oficial do presidente Jair Bolsonaro (PL) na noite do dia 24 de março de 2020. Em termos de condições de produção, destacamos que esse pronunciamento é o segundo do que seria uma série de três pronunciamentos sobre a questão da pandemia no Brasil e o país se encontrava em um momento de crise institucional entre o Palácio do Planalto e o Ministério da Saúde. Ainda sob o comando de Mandetta (MDB-MS), o

MS propôs medidas de restrição de circulação, o que evidentemente causava impactos econômicos. Em defesa do capital e das grandes empresas, o Chefe do Executivo tenta relativizar os efeitos da pandemia para enfraquecer as políticas públicas de enfrentamento à pandemia.

Essa percepção não reside apenas no discurso do presidente. Evidentemente, Bolsonaro encarna, à época da sua eleição, o perfeito ícone de um movimento neoliberal de ataque à classe trabalhadora em curso desde o golpe ao mandato da Presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2016. A união e entre Bolsonaro e Paulo Guedes (Ministro da Economia), além de conveniente para uma parte empresariado brasileiro e líderes políticos de direita (OYAMA, 2020), expressa o agrupamento entre o liberalismo econômico na sua atual conjuntura destrutiva e o profascismo acoplado à direita que vinha ganhando força nos últimos anos entre países como Brasil, Inglaterra, Índia e Estados Unidos.

Ao fazer menção ao fechamento das escolas como justificativa infundada, Bolsonaro não apenas cria uma contradição para si mesmo - afinal pessoas de 40 anos ou mais constituem, no geral, parte da força de trabalho da maioria das escolas -, como estabelece uma ruptura entre dois tipos de sujeitos: (1) nós e (2) outros. Se o “nós” são as pessoas “saudáveis”, possivelmente com histórico de atleta, os “outros” são os acima de 40 anos, os mais velhos e os que não têm o mesmo histórico. Essa contradição anuncia a falha da sua FD que coloca a classe trabalhadora, destacadamente os docentes e os demais profissionais de educação, numa posição de vulnerabilidade.

A posição-sujeito provoca variações na produção de sentidos e nas formas de interpretação possibilitadas pelos enunciados. Nesse sentido, ao se referir ao termo usado por Varela, o presidente assume para o seu próprio discurso os sentidos propostos. Mas tais sentidos são efeitos imaginários, pois seu discurso não é o mesmo do referido enunciado, nem se insere na mesma FD. Além disso, essa projeção discursiva de resgate dos sentidos propostos pelo médico inverte-se na materialidade do enunciado que está encapsulado em condições de produção diversas. Este efeito de projeção resgatada dentro do discurso de Bolsonaro funciona como equivalente de validação retórica, afinal a voz de um médico de oposição ideológica parece concordar com o seu posicionamento ao dizer “como bem disse aquele conhecido médico”. O mesmo efeito é projetado ao citar a Rede Globo de Televisão - “daquela conhecida televisão -, à medida que a torna mais um ativo de credibilidade discursiva no fio discursivo do seu enunciado.

Com a afirmação de “histórico de atleta”, o que Bolsonaro quer é reforçar a noção de saúde e imunidade, como se a doença só pudesse atingir os mais fracos. Bolsonaro se encontra numa FD que nega os efeitos nocivos da doença e se insere em outro contexto, com outros objetivos discursivos, evidenciados no seu entorno discursivo-ideológico de ataque à classe trabalhadora, pobre e idosa - até o momento, este é o grupo majoritariamente mais vulnerável à doença. Assim, é a proposição de Bolsonaro assume uma torção de sentido em relação ao enunciado de Varela, como vemos a seguir:

1. Apenas a parte não produtiva da população é afetada. Logo, caracterizar a Covid-19 como gripezinha tem um propósito eugenista de mercado.

Sem levarmos em consideração declarações falaciosas ou imprecisas do presidente - como o dado de que noventa por cento da população não sentiria qualquer tipo de sintoma -, podemos ver evidência do compromisso ideológico com os setores do mercado por parte de Bolsonaro. Seu questionamento “Então por que fechar escolas?”, seguido da afirmação: “Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade” revelam um cinismo programado em articular uma lógica falaciosa com uma ideologia de mercado (INDURSKY, 2019). O discurso cínico que se apega a certos fatos e rejeita outros, mesmo que tais fatos estejam conectados numa ordem lógica de sentidos, demonstra a inserção do discurso do presidente numa FD neoliberal e anti-classe trabalhadora.

Logo, “gripezinha” se torna um termo perigoso na produção enunciativa de Bolsonaro, pois sua posição-sujeito o coloca no centro ideológico que marca uma tentativa de salvar, não as vidas, mas a economia, ou melhor o capital. Além do mais, o “sujeito universal” (GRIGOLETTO; JAEGER, 2013, p. 77) ocupado pelo presidente da República o centraliza num espaço discursivo de tensão entre sua FD de austeridade e sua responsabilidade de prática política. Por isso, notamos que o termo “gripezinha” ou “resfriadinho” são enunciados a partir da voz de outro, como se ele tentasse se afastar da responsabilidade do seu próprio discurso.

Esse efeito de tensão se articula dentro de uma FI liberal-burguesa que não consegue superar a contradição de defender o mercado e ao mesmo tempo defender o Brasil. Assim, observamos uma espécie de retroalimentação ideológica entre a política de “não combate” e a noção de imunidade natural de rebanho, a qual não consegue esconder seu cinismo enquanto discurso do “deixa morrer”.

Na tentativa de evitar evidenciar demais sua real concepção acerca da pandemia e todo seu esforço a favor do vírus, Bolsonaro prefere um termo que remete à simplicidade inofensiva de uma gripe, algo passageiro, tratável com medicação barata. No fundo, o que está em jogo é uma política eugenista, isto é, os fortes sobrevivem. Soma-se a isso uma preocupação com o grande capital à revelia das vidas. E ele não estava só: vários setores do capital financeiro defendiam a mesma pauta, como Junior Durski dono da rede Madero, bem como alguns políticos simpatizantes de Bolsonaro¹⁹.

Para Orlandi (1999), a paráfrase é a matriz dos sentidos, pois sem a repetição os sentidos não seriam construídos; não haveria sustentação discursiva para dar conta das possibilidades de compreensão desses sentidos pelos sujeitos. Por outro lado, a polissemia é condição essencial da linguagem, pois sem a possibilidade de sentidos múltiplos não haveria necessidade de existir o “dizer”.

Segundo a autora, “[t]odo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 1999, p. 36). Qual a ideologia que o termo “gripezinha” carrega nesse contexto em questão? A questão é fundamental para compreendermos os reais motivos das ações do presidente, pois nesse aspecto temos: trocas de ministros da saúde num espaço de um ano e no meio de uma emergência sanitária mundial; incentivo ao uso indiscriminado da cloroquina e hidroxiclороquina²⁰; a promoção, e em certo sentido legitimação, das políticas de desresponsabilização da classe médica pelos usos do chamado Kit Covid, promovidas inclusive pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) (RIBEIRO, 2021); as várias tentativas de aglomeração de Bolsonaro; sua incapacidade de visitar qualquer hospital e demonstrar condolências às vítimas da doença; seu reiterado desrespeito ao uso de máscara, etc.

O efeito CPI

Por volta de julho de 2021, atingimos cerca de 520 mil mortos por Covid-19²¹ e a CPI da Pandemia, instaurada no início do ano de 2021, começava a demonstrar como a deliberada

¹⁹ Junior Durski dono do Madero critica quarentena: 'não podemos parar se 5 mil pessoas vão morrer', em 16/05/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j70IABWvQtY>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

²⁰ A compra e uso de medicamentos sem comprovação científica contra a Covid-19 constitui uma das primeiras linhas de investigação da CPI da Pandemia, onde se buscou traçar um panorama das reiteradas ações de incentivo do chamado Kit Covid, o qual tinha a hidroxiclороquina e cloroquina como seus principais componentes.

²¹ Dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde (Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 16 set. 2020).

falta de ação coordenada estava por trás de uma boa parte desse escandaloso número. A instauração da CPI da Pandemia (também chamada de CPI da Covid)²² abriu espaço de tensão para o confronto de duas FDs opostas que disputavam hegemonia no cenário político. De um lado, o grupo de senadores e senadoras da oposição ao governo marcaram seu posicionamento de investidura contra as atitudes do governo desde o início da pandemia, passando pelo colapso do sistema de saúde de Manaus, à compra das vacinas. Essa FD de oposição/anti-bolsonaro defendia a tese central de negacionismo científico do governo, colocando-o como principal responsável pelo elevado número de mortos no país.

Por outro lado, uma ala governista defendeu com bastante esforço a ideia de que os governadores também deveriam ser responsabilizados, de forma que o governo de Jair Bolsonaro (PL) estaria fazendo tudo ao seu alcance para gerir o país durante a pandemia. A FD que identifica os senadores desse grupo de apoio ao governo na CPI se caracterizava principalmente pela defesa à economia, em consonância ao discurso bolsonarista, e a suposta eficácia de tratamento precoce, que dentre outras coisas, envolvia o uso de ivermectina e cloroquina. Por isso, a identificamos como remanescente da FD bolsonarista-negacionista, especialmente face à insistência em defesa da eficácia da Cloroquina por parte de alguns parlamentares durante boa parte da CPI.

Nesse momento específico é possível notarmos uma tendência da inversão discursiva que ganha força e põe no centro do debate a palavra genocídio em contraposição à noção de gripezinha/resfriadinho. De acordo com Pêcheux (1990), no jogo do deslocamento de sentido através da passagem entre esquecimento 2 e 1, o que pode ocorrer na trama discursiva é uma inversão de sentidos. Parece haver uma mudança linguística que lidera uma “[mudança] de mundo” (PÊCHEUX, 1990, p. 12), como diria o autor.

Nesse contexto, há uma guinada na mudança das práticas políticas e enfraquecimento da hegemonia governista. A CPI da Pandemia é particularmente interessante nesse aspecto devido ao fato de haver uma grande adesão do público nas redes sociais. Tal participação foi inovadora, pois os usuários das redes se comunicaram diretamente com alguns senadores, tendo inclusive participação em tempo real durante os minutos de arguição dos mesmos e incentivo por parte da Comissão (TEIXEIRA, 2021).

²² A leitura do requerimento de abertura oficial da Comissão ocorreu no dia 13 de abril de 2021, tendo esta sido aprovada para abertura desde o dia 8 do mesmo mês pelo Ministro do STF Luís Roberto Barroso (BARCELLOS, 2021).

Ao esvaziar-se o sentido de gripezinha frente aos números de mortos e efeitos catastróficos da pandemia ao redor do mundo, o que resta é um espaço de sentidos de valor zero. Esse espaço zero é preenchido pela noção de intencionalidade em cada ato e declaração do presidente e seus respectivos apoiadores. Na SD-3, por exemplo, notamos como a FD de oposição ao governo, a qual adota ao seu repertório o termo genocida, se avoluma aos enunciados de alguns senadores na comissão²³.

SD-3 - Omar Aziz, presidente da CPI da Covid, manda recado a Bolsonaro

Osmar Aziz: [...] Vossa Excelência precisa procurar... o senhor já mandou os seus agentes de informação vasculhar minha vida toda. Eu não tenho dúvida disso. Até proporciona é... pateticamente falas contra a ciência, que agora a doutora Franciele tá confirmado para o Brasil aquilo que a gente vinha falando sempre. Nem propaganda de vacinação este governo quis fazer. Eu nunca lhe chamei de genocida. Eu nunca lhe acusei de ser ladrão.

Randolfe Rodrigues: chamou de quê presidente?

Osmar Aziz: De genocida. Não não ele disse...

Randolfe Rodrigues: De quê mesmo presidente?

Osmar Aziz: Hã?

Randolfe Rodrigues: De... Chamou de genocida...

Osmar Aziz: Não, eu nunca o chamei de genocida.

Randolfe Rodrigues: É porque é pra ficar claro.

Osmar Aziz: Eu nunca o chamei de ladrão. Eu nunca disse que o senhor fazia rachadinha no seu gabinete...

Randolfe Rodrigues: Fazia o quê, presente?

Osmar Aziz: Rachadinha

Randolfe Rodrigues: Rachadinha... Rachadinha...

Osmar Aziz: Rachadinha... Eu nunca acusei o Presidente da República de rachadinha.

Randolfe Rodrigues: Rachadinha é aquela prática de dividir o salário dos assessores, né isso presidente?

[sic.]

Nessa SD notamos como o uso do termo “genocida” é usado num plano parafrástico marcado. O enunciado de Aziz compreende uma posição de inserção no espaço de oposição ao governo, ao mesmo tempo em que procura manter sua posição-sujeito social de presidente de uma Comissão Parlamentar. Ao dizer que nunca havia usado o termo contra Bolsonaro, o senador não rejeita o termo, mas o incorpora ao seu discurso de forma projetada, num plano imaginário do “não-dito”, do implícito. Essa tensão no discurso serve para se inscrever enquanto produto do cruzamento de duas posições-sujeitos e ao mesmo tempo causa

²³ É importante destacar o papel que as redes sociais tiveram nesse processo. Os grupos de oposição e lideranças políticas conseguem, juntamente com a CPI, mobilizar as bases nas redes de tal forma que vários perfis de usuários espectadores da comissão entram em contato com os senadores durante as sessões. Essa prática iniciou uma prática inovadora de troca de informações entre os senadores e seus apoiadores em espaços *online*.

estranhamento na contraposição entre o ataque direto a Bolsonaro e sua negação de acusação. O que, efetivamente, resulta é um efeito de dito sob o não-dito.

Segundo Indursky (2019) os sentidos estão sempre inseridos em formações discursivas específicas à medida que se materializam em enunciados. Esse processo de enunciação causa deslizamentos de sentidos entre o esquecimento 1 e esquecimento 2. O esquecimento 2 se refere à ordem do pré-consciente. Isto é, na ilusão de termos o poder sobre os sentidos que temos quando enunciamos, nos esquecemos que estamos parafraseando palavras, pois estamos de fato inseridos em FDs que não são criações nossas, mas que marcam nossa posição e nossa formação ideológica.

Quanto ao esquecimento 1, o termo faz referência ao processo das formações imaginárias que se inserem no nosso inconsciente. Dessa forma, não somos capazes de resgatar em pontos específicos a ordem ideológica que nos constitui, pois somos atravessados por discursos em FDs diversas que costuram nossa enunciação.

Esse processo de esquecimento sofre uma dinâmica parafrástica interdiscursiva com as intervenções de Randolfe Rodrigues (REDE-AP). A ilusão do não-dizer é evidenciada a cada interrupção do senador, o que produz um efeito de resgate dos enunciados implícitos. Randolfe repete a interação quando Aziz faz alusão às acusações de “rachadinhas” da família Bolsonaro²⁴.

O termo genocida se encontra no cruzamento da torção dos sentidos que caracteriza a experiência da pandemia de Covid-19 no contexto brasileiro. Compreendermos como a pandemia espelha a relação produção econômica/ser humano. Segundo Marx (2011), as mercadorias assumem formas imaginárias autônomas, enquanto que os sujeitos assumem formas reificadas, ou coisificadas de meios de produção. Assim, não deveria ser de estranhar que numa sociedade capitalista, quando se pesa a relação entre as noções VIDA e ECONOMIA, a balança sempre deve pender para a noção da economia em detrimento (leia-se esquecimento) da vida.

Usar máscara de proteção, manter o distanciamento social e as políticas de *lockdown* visam a proteção, e em certa medida, a preservação dos meios de produção expressados na

²⁴ A família Bolsonaro é alvo de inquérito pelo crime de peculato (mau uso do dinheiro público), mais comumente conhecido como “rachadinha”. Há fortes indícios que apontam o esquema no gabinete de Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), enquanto ele ainda era deputado estadual pelo Rio de Janeiro, bem como no gabinete do próprio Jair Bolsonaro enquanto ele ainda era deputado federal. A jornalista Juliana Dal Piva, colunista do portal UOL, tem se dedicado ao tema e produziu uma série de podcasts intitulada “A vida secreta do Jair”, na qual ela explica em detalhes as evidências coletadas por ela ao longo de cerca de dois anos (Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/podcast/uol-investiga/>>. Acesso em: 13 set. 2021)

condição da classe trabalhadora. Mas é preciso ir mais fundo. As práticas de Bolsonaro demonstram que a acumulação de capital e a expansão da produção não deve ser repensada nem mesmo em face do risco de vida dos trabalhadores. Essa é a inscrição da luta de classes como motor do processo de movimentação dos sentidos dentro das FDs. Os discursos que circulam na CPI estão em relação direta com as demandas da classe trabalhadora expressas na partição do público pelas redes sociais digitais. É no enfrentamento dos discursos, o qual tem na sua base subjacente às questões fundamentais à dominação ou superação das classes, que os sujeitos enunciam.

Ao colocar em polos opostos os dois conceitos (VIDA e ECONOMIA), a FD neoliberal, personificada na política de austeridade do governo Bolsonaro, deixa um resíduo de sentido que remete a uma escolha: ou ficamos em casa sem trabalhar, ou não vai ter mais trabalho depois da pandemia. Na verdade, a raiz do problema não reside aí. O trabalho vai existir, o grande capital só existe na sua relação dialética com a produção do trabalhador para acumular capital. O que talvez ocorra é um desaquecimento na economia, uma retração na produção, e por tanto, menos acúmulo de capital.

Por isso, diversos grupos de oposição ao governo preferem se referir à pandemia como um genocídio. No momento em que Bolsonaro não consegue mais sustentar sua tese de “gripezinha”, o que sobra é um vácuo na trama do discurso que vai ser preenchido pela noção de ataque deliberado à vida de determinados grupos de sujeitos, isto é: a classe trabalhadora, em sua maioria pobre.

Não é à toa que um dos resultados possíveis da CPI da Pandemia é a formalização de denúncia por genocídio no Tribunal Penal Internacional, em Haia, com evidências factíveis de ataque a população mais pobre, bem como à população negra e indígena do país, na medida em que o presidente se recusou a comprar vacinas, construir um plano de imunização adequado, desincentivou o uso de medidas preventivas de proteção à contaminação, usou recursos públicos na compra de medicação sem eficácia e agiu contra as políticas estaduais de restrição de circulação de pessoas. A FD de oposição ao governo tem na CPI um espaço de legitimação para uma proposição fundamental à sua luta política:

1. *Bolsonaro não agiu para combater a pandemia, preferiu defender o grande capital. Portanto, ele é um genocida que intencionava contaminar a população.*

Refletir sobre as questões relacionadas ao campo político, enquanto ambiente de prática de ações e gerência do bem público, requer uma refinada reflexão sobre o papel da vida enquanto objeto de tal prática. Desde que a pandemia adentrou o país, o Brasil tem se revirado em narrativas divergentes sobre o sentido da vida, da morte e do valor do ser humano no contexto do capitalismo. O pedido de “FORA BOLSONARO”²⁵ é um reflexo dessa inconformidade dos setores da classe trabalhadora em razão de uma gestão pública que além de explorar, tenta sugar ao máximo, o potencial de vida dessa mão de obra.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa apontam para uma reflexão crítica que compreende que o discurso se constitui numa trama de formações imaginárias encravadas no movimento sócio-histórico dos sujeitos em contextos de lutas de classe (PÊCHEUX, 2014). Esse aspecto é fundamental para compreender o movimento de sentidos no bojo da paráfrase e da polissemia. Cada processo deslizamento na rede do discurso tem um agente motivacional concreto: a classe.

Segundo Marx e Engels (2010, p. 40) a “história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”. Essa afirmação explica como os movimentos da história são convergidos contraditoriamente no plano discursivo e material, pois a disputa por hegemonia da burguesia se traduz na construção discursiva no âmbito ideológico. Por sua vez, o processo de exploração da classe trabalhadora resiste através das suas práticas nos mesmos espaços de construção ideológica, provocando rupturas nas FIs hegemônicas a partir da produção de sentidos na sua FD.

As práticas da burguesia não mudaram muito em sua essência. Apesar da sua sofisticação na construção de objetos do discurso em cenários, assim chamados, democráticos, a classe trabalhadora majoritariamente pobre ainda se vê vítima de “uma exploração aberta, direta, despuorada e brutal” (MARX; ENGELS, 2010, p. 42). Isso fica ainda mais evidente no processo histórico da pandemia no Brasil. O governo Bolsonaro, enquanto expressão de uma classe burguesa dominante, faz escolhas enunciativas em defesa daquilo que o capital acredita como merecedor de preservação: o lucro. O capital acumulado sobre a força de trabalho da

²⁵ O dia 19 de junho de 2021 marcou o primeiro ato público contra o governo Bolsonaro em 427 cidades do Brasil. Os atos “FORA BOLSONARO”, se estenderam ao longo do ano de 2021, exigindo além do impeachment, a cassação da chapa Bolsonaro-Mourão (COELHO, 2021).

classe proletária não se permite parar, mesmo que isso implique a exposição dos trabalhadores a um ambiente de insegurança biológica. A partir da análise das FDs, é possível notar que há uma estratégia subjacente à FI bolsonarista. Nesse sentido, compreendemos que a proposta é diminuir a relevância do vírus, invalidar o uso de equipamentos de proteção como a máscara facial e promover medicamentos supostamente milagrosos.

O estudo do processo parafrástico/polissêmico conduz a evidências da relação entre a luta de classes e as Formações Discursivas dos sujeitos em espaços de disputa ideológica. A pandemia de Covid-19 e o momento histórico no qual nos encontramos podem ser uma oportunidade de mobilização da classe trabalhadora frente a ataques à classe trabalhadora e majoritariamente pobre do Brasil. Resta saber se teremos condições de nos articularmos coletivamente, para construirmos uma narrativa histórica de um mundo mais justo.

Referências

AGUIAR, Valéria. Covid-19: Anvisa certifica Pfizer, uma das produtoras de vacina. **Agência Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-12/covid-19-anvisa-certifica-pfizer-uma-das-produtoras-de-vacina>>. Acesso em: 11 set. 2021.

BARCELLOS, Renato. Senado inicia rito de abertura da CPI da Covid. **CNN Brasil**. 2021. <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/senado-inicia-rito-de-abertura-da-cpi-da-covid/>>. Acesso em: 20 set. 2021.

BOLSONARO FAZ APELO POR REABERTURA E FALA EM ‘EXAGERO’ NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA. **Diário de Pernambuco**. 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2020/06/bolsonaro-faz-apelo-por-reabertura-e-fala-em-exagero-no-enfrentament.html>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

BRAGA, Ugo. **Guerra à saúde**: como o Palácio do Planalto transformou o Ministério da Saúde em inimigo público no meio da maior pandemia do século XXI. São Paulo: LeYa Brasil, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 356, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 mar. 2020, p. 185. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

COELHO, Rodrigo Durão. Veja como foram os principais atos pelo "Fora, Bolsonaro" em todo o Brasil. **Brasil de Fato**. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/19/veja-como-foram-os-principais-atos-pelo-fora-bolsonaro-em-todo-o-brasil>>. Acesso em: 16 set. 2021.

GRIGOLETTO, Evandra; JAEGER, Dirce. O discurso de instalação da Comissão da Verdade: sob o lugar discursivo de Presidente, a dispersão de posições-sujeito. **Signo y Señá**, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), n. 24, p. 71-90, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>>. Acesso em: 8 ago. 2021.

GUGLIANO, Monica. Vou intervir! **Revista Piauí**. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vou-intervir/>>. Acesso em: 16 set. 2021.

INDURSKY, Freda. Que sujeito é este? In: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (Orgs.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas: Pontes, 2019, p. 79-102.

LISTINGS OF WHO'S RESPONSE TO COVID-19. **World Health Organization**. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/detail/29-06-2020-covidtimeline>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Tradução Álvaro Pina, Ivana Jinkings. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital [Livro I]**: crítica da economia política. O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

NALON, Tai. Bolsonaroistas resgatam vídeo antigo de Drauzio Varella para difundir desinformação sobre Covid-19. **Aos Fatos**. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-resgatam-video-antigo-de-drauzio-varella-para-difundir-desinformacao-sobre-covid-19/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NOTAS Taquiográficas - 25/06/2021 - 27ª - CPI da Pandemia. **Senado Federal**, Brasília/DF, 25 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquiograficas/-/notas/r/10054>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

OYAMA, Thaís. **Tormenta**: O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. São Paulo: UNICAMP, n. 19, p. 7-23, jul./dez. 1990.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**, v. 1, n. 4, p. 1-22, 2013. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>>. Acesso em: 5 set. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014.

RIBEIRO, Mauro Luiz de Britto. **O Conselho Federal de Medicina e a covid-19**. Conselho Federal de Medicina. 2021. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/artigos/o-conselho>>

federal-de-medicina-e-a-covid-19/?lang=en>. Acesso em: 16 jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/rep.2021.60310>

TEIXEIRA, Raquel. Internautas podem enviar perguntas à CPI; em apenas um dia, foram 396 participações. **Senado Notícias**. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/06/internautas-podem-enviar-perguntas-a-cpi-em-apenas-um-dia-foram-396-participacoes>>. Acesso em: 12 set. 2021.

WHO DIRECTOR-GENERAL’S OPENING REMARKS AT THE MEDIA BRIEFING ON COVID-19 - 11 MARCH 2020. **World Health Organization**. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: 12 set. 2021.

Recebido em: 16 de setembro de 2021

Aceito em: 3 de agosto de 2022